

## SENTIU GARRETT O FASCÍNIO DO DÂNDI ?

«Le dandysme est le dernier éclat d'héroïsme  
dans les décadences»  
Baudelaire

O fenómeno do dandismo, aparecido na primeira metade do século XIX, apresenta-se, como refere Henriette Levillain no prefácio a *Petit Dictionnaire du Dandy*<sup>1</sup>, como algo que conjuga um momento histórico preciso com um determinado estado civil e uma utopia romanesca. Em 1863, Baudelaire, já depois de terem sido publicadas algumas obras literárias onde os heróis partilhavam de características inequivocamente semelhantes, tece considerações sobre esses seres para quem o dinheiro deveria ser inesgotável, na medida em que a sua elegância e culto da personalidade estavam acima dessas vulgares paixões<sup>2</sup>. E, porque, segundo o mesmo Baudelaire, um dândi nunca pode ser um homem comum, desprezando e combatendo a trivialidade<sup>3</sup>, não se torna difícil detectar personagens, nos mais variados romances e dos mais variados autores, e ao longo de todo o século XIX, onde a conjugação de certos traços autorizam a sua classificação no universo do dandismo. Falamos do Don Juan, herói da obra homónima de Byron, ou de Julien Sorel, de *Le Rouge et le Noir*, de Stendhal, ou de várias figuras balzaquianas como

---

<sup>1</sup> Giuseppe Scaraffia, *Petit Dictionnaire du Dandy*, traduit et présenté par Henriette Levillain, Condé-sur-l'Escaut, Edition Sand, 1988.

<sup>2</sup> Cf., Charles Baudelaire, «Le Dandy», in *Le Peintre de la Vie Moderne, Oeuvres Complètes*, Paris, Seuil, Coll. l'Intégrale, 1968, pp.559-560: «Si j'ai parlé d'argent, c'est parce que l'argent est indispensable aux gens qui se font un culte de leurs passions; mais le dandy n'aspire pas à l'argent comme à une chose essentielle; un crédit illimité pourrait lui suffire; il abandonne cette grossière passion aux mortels vulgaires.»

<sup>3</sup> Cf., *idem*, p.560: «Mais un dandy ne peut jamais être un homme vulgaire. (...) Que ces hommes se fassent nommer raffinés, incroyables, beaux, lions ou dandys, tous sont issus d'une même origine; tous participent du même caractère d'opposition et de révolte; tous sont des représentants de ce qu'il y a de meilleur dans l'orgueil humain, de ce besoin, trop rare chez ceux d'aujourd'hui, de combattre et de détruire la trivialité.»

Henri de Marsay (*La Fille aux Yeux d'Or*), Victurnien (*Le Cabinet des Antiques*) e Lucien de Rubempré (*Illusions Perdues*), para nos atermos apenas a alguns e para não ultrapassarmos o marco cronológico da publicação de *Viagens na Minha Terra*, de Garrett ou a sua morte, em 1854, dado que é a sua obra que agora nos interessa.

Antes de passarmos à análise de possíveis reminiscências do dandismo no Carlos de *Viagens na Minha Terra* ou em Fernando ou de Bréssac de *Helena*, referiremos um ou outro aspecto que nos pareceu mais fundamental para a tentativa de definição do dândi. Fenómeno tipicamente inglês, não admira que em França tenha surgido uma certa anglomania, fetichisticamente prefigurada no duque de Wellington e na elegância do seu uniforme: «Mais un événement plus frappant, datant des guerres napoléoniennes, explique l'intérêt porté par les Français à l'étrange phénomène britannique: aux uniformes baroques de Murat et à la lourdeur pompeuse du nouvel Empereur, le duc de Wellington avait répondu par l'élégance sobre et précise de la cravate blanche dépassant de la capote grise. Surnommé par ses propres soldats "le dandy", le duc avait sous ses ordres une armée multicolore d'officiers tirés à quatre épingles. Leurs uniformes étaient à la fois somptueux et serrés aux entournures; pour ne pas les mouiller, ils allaient combattre le parapluie au bras.»<sup>4</sup>

A elegância requintada, aliada a ambientes que o não são menos, está numa proporção directa com a ociosidade característica de indivíduos, alguns deles escritores, que nutrem consciente desprezo pela vida burguesa<sup>5</sup> e recusa frontal dos seus modos de agir. É evidente que o perfil poderá variar de romance para romance, mas essencialmente deparamos com estruturas comuns que permitem descodificar com clareza os detalhes ou os elementos fundamentais do dândi.

Garrett, que, como se sabe, primava pelo cuidado que tinha com a indumentária, terá ou não sentido o fascínio por essa figura que o meio intelectual inglês e europeu estava longe de menosprezar? Se nos ativermos à sua obra romanesca, poderemos afirmar que algumas das suas principais personagens poderão possuir traços mais ou menos marcantes ou reminiscências de comportamento que evocam essa concepção da existência. Gomes de Amorim não tem dúvidas quando aponta a faceta biográfica presente na obra-prima garrettiana, o que, de certa forma, condicionaria a relação entre autor e personagem, atribuindo a um as características do outro: «(...) voltemos às *Viagens*, onde me

<sup>4</sup> Giuseppe Scaraffia, *op. cit.*, p.27.

<sup>5</sup> Cf., *História da Vida Privada*, dir. de Philippe Ariès e Georges Duby, trad. port. com revisão científica de Armando Luís de Carvalho Homem, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990, Vol.4, p.296: «O "dandismo" representa uma forma ainda mais consciente e elaborada de recusa da vida burguesa».

parece indubitável que elle pretendeu retratar-se, pelo menos em parte; do mesmo modo que ali deixou outras phisionomias de mulheres, cobertas apenas com véu demasiado transparente.»<sup>6</sup>

Com referentes extra-literários ou não, o certo é que Carlos e Fernando (embora este último nunca entre em cena e seja apenas entrevisto) possuem algumas das facetas do dândi, mesmo se não podem ser considerados dândis no sentido mais rigoroso da palavra. Com efeito, se pensarmos em Byron, espécie de figura tutelar para os jovens românticos, e no seu paradigmático *Don Juan* (1819), facilmente nos daremos conta da possível semelhança entre a indirecta definição que no longo poema é dada e características que encontramos dispersas nos romances de Garrett: «But “*carpe diem*”, Juan, “*carpe, carpe!*” / Tomorrow sees another race as gay / And transient, and devour’d by the same harpy. / “Life’s a poor player”, - then “play out the play, / Ye villains!” and above all keep a sharp eye / Much less on what you do than what you say: / Be hypocritical, be cautious, be / Not what you *seem*, but always what you *see*.»<sup>7</sup>

Ao analisarmos com mais pormenor as personagens acima citadas, veremos como um certo culto do prazer aliado a alguma hipocrisia (mesmo se bem intencionada) constituem uma espécie de núcleo de onde derivam outros traços mais particularizantes. Antes de nos debruçarmos sobre as figuras de Carlos e Fernando, gostaríamos apenas de aludir ao papel de Joanhina ou de Georgina, interpretado à luz da filosofia dândi. Joanhina e Georgina, típicas mulheres-anjo românticas, não deixam de partilhar funções com outras personagens femininas como é o caso da tia de Victurnien em *Le Cabinet des Antiques* de Balzac ou da irmã e da mãe de Lucien de Rubempré em *Illusions Perdues*, do mesmo autor. Nestas obras, esta espécie de fadas têm uma devoção cega pelo seu sobrinho, irmão ou filho, tendo dificuldade em aceitar os erros e até a deslealdade dos mesmos. Joanhina e Georgina participam também desta *família* na medida em que o amor por Carlos as leva a uma amizade recíproca e a de tudo abdicarem – Joanhina enlouquece, Georgina vai para um convento.

A personagem Fernando, em *Helena*, romance inacabado, é como dissermos, apenas referido, mas todas as características que conseguimos vislumbrar apontam para a filiação inequívoca no exemplo de Lord Byron. Tal como ele, Fernando e

---

<sup>6</sup> Francisco Gomes de Amorim, *Garrett Memórias Biographicas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1884, Tomo III, p.80.

<sup>7</sup> Lord Byron, *Don Juan*, in *Poetical Works*, Oxford, New York, Oxford University Press, 1970, p.798.

seu amigo de Bréssac combateram na guerra da independência da Grécia e se preocupam com uma elegância metódica e sóbria:

«O jovem português viajava desde a idade de vinte e quatro anos, com autorização e a largas expensas do tio do Brasil, que o habilitavam a viver na elegância e a frequentar a primeira sociedade em toda a parte onde se achava.

Em 1827, de Bréssac, legitimista de opinião e liberal de sentimento, tinha ido oferecer a sua espada, ociosa na Europa, à independência dos Helenos. Fernando de Almeida entusiasta como jovem e como poeta – que tinha esse defeito –, o acompanhou na qualidade de ajudante de ordens. Ambos foram feridos defendendo a bandeira da cruz e da liberdade contra a bruteza do Alcorão e do despotismo.»<sup>8</sup>

A semelhança é por demais evidente. Não parece também obra do acaso que a mãe de Isabel, brasileira e talvez de ascendência índia, assim como um frade indígena, desconfiem desse moço que pertence a outra civilização e trará possivelmente os seus defeitos: «Teu pai, bem o sabes, o seu grande desejo, a sua maior felicidade neste mundo é ver-te unida com Fernando, teu primo, o seu sobrinho valido. Não oiço senão bens dele... Mas, não sei porquê, tenho no fundo da alma um receio instintivo de que não seja homem para ti. É um homem do mundo, ele, do grande mundo; e tu, filha da soledade, criada neste deserto.»<sup>9</sup>

Estas frases, guardadas as iniludíveis diferenças, poderiam ter sido dirigidas a Joaquina, ou antes, a caracterização que Maria, mãe de Isabel, faz de Fernando assenta como uma luva em Carlos, Carlos cujo percurso o aproxima do dândi desenganado e cínico, mesmo se começa por ter um ideal político e se, no fundo, não tem intenção de ferir a prima ou a inglesa.

No entanto, esta atitude derrotista e distanciada de sentimentos e emoções parece ser apenas um ponto de chegada depois de se ter tentado materializar a Utopia: «Qu'importe au dandy qu'il ne sorte pas vainqueur de son combat pour la liberté: il aura tenté de vivre dans le meilleur des mondes possibles et, pour un bref moment, il aura matérialisé l'Utopie.»<sup>10</sup>

Partindo destes princípios ainda incipientes e nem sempre directamente aplicáveis, vamos tentar definir a personagem Carlos em relação com um conceito que, se não pode ser referenciado na íntegra, não deixa contudo de ser detectado em facetas que não poderão ser consideradas de somenos importância.

---

<sup>8</sup> Almeida Garrett, *Helena*, in *Obras Completas*, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1966, Vol. I, p.419.

<sup>9</sup> *Idem*, p.438.

<sup>10</sup> *Petit Dictionnaire du Dandy*, p.179.

Começando pela descrição física, deveremos desde logo anotar que os traços de feminilidade que parecem apanágio do dândi<sup>11</sup> não se encontram em Carlos, apesar se ser realçada a elegância *britânica* da sua indumentária: «A sua estatura era mediana, o corpo delgado, mas o peito largo e forte, como precisa um coração de homem para pulsar livre; seu porte gentil e decidido de homem de guerra desenhava-se perfeitamente sob o espesso e largo sobretudo militar – espécie de *great-coat* inglês –, que a imitação das modas britânicas tinha tornado familiar nos nossos bivaques. Trazia-o desabotoado e descaído para trás, porque a noite não era fria; e via-se por baixo, elegantemente cingida ao corpo, a fardeta parda dos caçadores, realçada de seus característicos alamares pretos e avivada de encarnado...»<sup>12</sup>. Esta atracção pelo elegante e requintado revela-se igualmente quando Carlos, na longa carta que escreve a Joaquina, demonstra inequivocamente o fascínio exercido pela Inglaterra e pela sua forma de vida: «Eu vivi poucos meses em Inglaterra; mas foram os primeiros que posso dizer que vivi. Levou-me o acaso, o destino – a minha estrela, porque eu ainda creio nas estrelas, e em pouco mais deste mundo creio já – levou-me ao interior de uma família elegante, rica, de tudo o que pode dar distinção neste mundo.»<sup>13</sup>.

O Visconde de Itahé, personagem de Helena, fala igualmente do «casto esplendor da elegância britânica.»<sup>14</sup> assim como é em Londres que Julien Sorel (*Le Rouge et le Noir*) «connut enfin la fatuité»<sup>15</sup>.

Esta elegância tem contudo algo de artificial, como artificial é a essência do dândi e sua esmeradíssima toilette. A interpelação de Paul de Mannerville (personagem do romance de Balzac, *La Fille aux Yeux d'Or*) a Henri de Marsay parece sintetizar, na superficialidade, a essência do dandismo:

«Laurent avait apporté devant son maître tant d'ustensiles, tant de meubles différents, et de si jolies choses, que Paul ne put s'empêcher de dire: - Mais, tu vas en avoir pour deux heures?

---

<sup>11</sup> Cf., por ex., Stendhal, *Le Rouge et Le Noir*, Texte établi avec Introduction, Bibliographie, Chronologie, Notes et Variantes par Henri Martineau, Paris, Librairie Garnier Frères, 1939 (1ª ed., 1830), p.28: «Ce fut en ce moment seulement, quand son inquiétude pour ses enfants fut tout à fait dissipée, que M<sup>me</sup> de Rênal fut frappée de l'extrême beauté de Lucien. La forme presque féminine de ses traits et son air d'embarras ne semblèrent point ridicules à une femme extrêmement timide elle-même.», Honoré de Balzac, *Illusions Perdues*, in *La Comédie Humaine*, Paris, Seuil, Coll. L'Intégrale, 1966, Vol.3, p.395: «tandis que Lucien, doué d'un esprit entreprenant, mais mobile, avait une audace en désaccord avec sa tournure molle, presque débile, mais pleine de grâces féminines.» ou *Don Juan*, p. 858: «(...) Juan, with his virgin face.» Cf. também *Petit Dictionnaire du Dandy*, pp.125-126.

<sup>12</sup> *Viagens na Minha Terra*, in *Obras Completas*, Vol. 1, p.92.

<sup>13</sup> *Idem*, pp.185-186.

<sup>14</sup> *Helena*, p.416.

<sup>15</sup> *Le Rouge et le Noir*, p.276..

- Non, dit Henri, deux heures et demie.
- Eh! bien, puisque nous sommes entre nous, et que nous pouvons tout nous dire, explique-moi pourquoi un homme supérieur autant que tu l'es, car tu es supérieur, affecte d'outrer une fatuité qui ne doit pas être naturelle en lui. Pourquoi passer deux heures et demie à s'étriller, quand il suffit d'entrer un quart d'heure dans un bain, de se peigner en deux temps, et de se vêtir?»<sup>16</sup>

Este gosto pelo disfarce, de que a toilette cuidada poderá ser um avatar, será facilmente completado pela sensibilidade ao belo e ao ideal, atribuindo à personagem características que a afastam de imediato do comum e a situam num mundo onde os valores diferem ligeiramente dos da burguesia: « (...) tinha [Carlos] aquele fino sentimento de arte, aquele sexto sentido do *belo*, do *ideal*, que só têm certas organizações privilegiadas, de que se fazem os poetas e os artistas.»<sup>17</sup>

Scaraffia chama a atenção para o facto da máscara, da artificialidade, substituir a banalidade quotidiana pelo esplendor da fábula<sup>18</sup>. É exactamente o que acontece com a falsa aldeia suíça do romance *Helena* que esconde um palácio e pela síntese que de Bréssac faz do mundo europeu: «Coqueteria tudo, artifício, disfarce, impostura, falsidade, mentira!»<sup>19</sup>

A artificialidade, que parece fazer parte integrante do homem social («Era a dúvida, era a fraqueza, era a vaidade, a mentira congenial e obrigada, a necessária falsidade do homem social»<sup>20</sup>), estaria na base de certas características que se imputam normalmente ao dândi e que poderemos encontrar sem grande dificuldade em Carlos, a quem aliás a frase citada se refere. O direito à contradição de que fala Baudelaire<sup>21</sup> leva o homem a viver no seu seio uma oposição que dificilmente resolverá<sup>22</sup> e a ser obrigado, de certa forma, a mentir, embora seja uma mentira

---

<sup>16</sup> Honoré de Balzac, *La Fille aux Yeux d'Or*, *op.cit.*, Vol.4, p.116.

<sup>17</sup> *Viagens na Minha Terra*, p.105.

<sup>18</sup> C. Giuseppe Scareffia, p.74: «Ne pousse-t-il pas l'excentricité jusqu'à exiger de l'actrice, en pleine nuit, qu'elle se déguise et se fardes en Colombine. L'intention en est claire: lui arracher le masque de la banalité quotidienne et lui substituer je rayonnement de la fable.»

<sup>19</sup> *Helena*, p.448.

<sup>20</sup> *Viagens na Minha Terra*, p.113.

<sup>21</sup> Cf., *Petit Dictionnaire du Dandy*, p. 101: «Baudelaire considère qu'aux droits de l'homme, dont se réclame la bourgeoisie démocrate, devrait être ajouté le droit à la contradiction.»

<sup>22</sup> Cf., *idem*, p.110: «Le dandysme est un processus dialectique qui refuse de se résoudre en synthèse, l'affrontement d'une thèse et d'une antithèse: le dandy est en effet à la fois lui-même et ce qu'il combat. Vivant ainsi en lui-même une opposition qu'il ne peut résoudre, il dénonce le caractère artificiel des synthèses de l'époque contemporaine.»

que não deverá ser valorizada apenas negativamente. Se de D. Juan (de Byron) se diz que é «a little superficial»<sup>23</sup>, de Julien Sorel (*Le Rouge et le Noir*) já se escreve sem sombra de dúvida: «Il jugea qu'il serait utile à son hypocrisie d'aller faire une station à l'église»<sup>24</sup>.

Carlos não comunga da hipocrisia premeditada de Julien Sorel, parece antes partilhar a superficialidade de D. Juan, embora Lawton afirme peremptoriamente que «Carlos est le mensonge fait homme»<sup>25</sup> e aponte todas as passagens onde se verifica inequivocamente uma falsidade que constitui o cerne da sua personalidade. No entanto, a contradição de que falávamos acima é ainda um traço mais importante, debatendo-se o primo de Joanhina numa contínua ambiguidade que condiciona a sua actuação: «Carlos estava quase como os mais homens... Ainda era bom e verdadeiro, no primeiro impulso de sua natureza excepcional; mas a reflexão descia-o à vulgaridade da fraqueza, da hipocrisia, da mentira comum.»<sup>26</sup>. E se, na longa carta final, ele confessa, «traí, quando te amava; menti, quando to disse»<sup>27</sup>, a verdade é que a traição e a mentira são relativas, uma vez que não poderão ser consideradas de modo absoluto. Aliás, a caracterização que dele é feita, umas páginas atrás, desmente, se quisermos ser estritamente rigorosos, as afirmações posteriores: «Os olhos pardos e não muito grandes, mas de uma luz e viveza imensa, denunciavam o talento, a mobilidade do espírito – talvez a irreflexão... mas também a nobre singeleza de um carácter franco, leal e generoso, fácil na ira, fácil no perdão, incapaz de se ofender de leve, mas impossível de esquecer uma injúria verdadeira.»<sup>28</sup>.

Esta mobilidade inquietante poder-se-á, em última análise, explicar por uma das facetas do dandismo, na medida em que ele visa a eternidade no transitório, numa espécie de utopia do tempo<sup>29</sup> e até da felicidade<sup>30</sup>, que favorece a designação de *sonhador acordado*<sup>31</sup> e explica a dualidade fundamental no amor a que não

<sup>23</sup> *Don Juan*, p.794.

<sup>24</sup> *Le Rouge et le Noir*, p.22.

<sup>25</sup> R.A. Lawton, *Almeida Garrett-L'Intime Contrainte*, Paris, Didier, 1966, p.50.

<sup>26</sup> *Viagens na Minha Terra*, p.108.

<sup>27</sup> *Idem*, p.185.

<sup>28</sup> *Idem*, p.93.

<sup>29</sup> Cf., *Petit Dictionnaire du Dandy*, p.137: «Le dandysme est une utopie du temps: il vise à l'éternité dans le transitoire, au dépassement du quotidien.»

<sup>30</sup> Cf., *idem*, p.87: «En effet, les nombreuses tentatives faites par le dandy pour recueillir les moindres signes de beauté au coeur des situations les plus scabreuses, paradoxales, ou seulement difficiles renvoient à une conception utopique du bonheur.»

<sup>31</sup> Cf., *Viagens na Minha Terra*, p.103: «(...) os tormentos destes sonhadores acordados que andam pelo mundo (...)».

consegue escapar: «O monstro amava-as a ambas»<sup>32</sup>. A instabilidade que o leva de uma a outra mulher, de Laura a Georgina, a Soror Soledade e a Joanhina, provoca a desgraça de todas (sobretudo de Georgina e da prima)<sup>33</sup> – «A mulher que me amar há-de ser infeliz por força»<sup>34</sup> – e condiciona o aparecimento, mesmo se camuflado, de um satanismo, interpretado como a actualização de um deus caído, mas ainda um deus<sup>35</sup>.

Incapaz de assumir definitivamente uma das relações, Carlos parece ecoar as considerações de Byron sobre o casamento, isto é, sobre a perenidade da ligação a uma só mulher:

«There's doubtless something in domestic doings  
Which forms, in fact, true love's antithesis;  
Romances paint at full length people's wooings,  
But only give a bust of marriages;  
For no one cares for matrimonial cooings,  
There's nothing wrong in a connubial kiss:  
Think you, if Laura had been Petrarch's wife,  
He would have written sonnets all his life?»<sup>36</sup>

A incapacidade ou até uma certa disforia em relação ao casamento, isto é, a uma união duradoura e comprometida, é uma espécie de leit-motiv presente em vários heróis que poderemos aproximar do dandismo. Lucien de Rubempré (*Illusions Perdues*) não se fixa em nenhuma mulher e Victurnien (*Le Cabinet des Antiques*) só casa por puro interesse material, desistindo de *viver*, e caindo num indiferentismo total. O seu casamento corresponde, a nível da economia narrativa, à entrega de Lucien nas mãos do padre espanhol e ao ingresso de Carlos no baronato. Este destino é indiciado numa das conversas entre os dois narradores (o extra e o intradieético), onde o primeiro, que está a ouvir o enredo dos amores de Joanhina e do primo da boca do outro, prognostica o fim do último: «(...) num belo dia caiu num indiferentismo absoluto; (...) fez [-se] o que chamam céptico; morreu [-lhe]

<sup>32</sup> *Idem*, p.150.

<sup>33</sup> Cf., Lawton, *op.cit.*, pp.268-270.

<sup>34</sup> *Viagens na Minha Terra*, p.201.

<sup>35</sup> Cf., *Petit Dictionnaire du Dandy*, p.167: «Satan est le dieu du dandy, une image en négatif de Dieu, un dieu déchu, mais néanmoins le seul dieu en qu'il soit encore possible de croire, vers qui l'autre ange déchu qu'est également le dandy peut encore tourner son regard.»

<sup>36</sup> *Don Juan*, p.686.



o coração para todo o afecto generoso, e (...) deu em homem político ou em agiota.»<sup>37</sup>.

O indiferentismo é, no entanto, precedido de um desejo de morte, que aparece como salvador e bem-vindo. A escolha do tipo e mesmo da hora do fim, parece ser um dos apanágios do dândi, que prefere escolher, a ser devorado por uma morte que não consegue dominar<sup>38</sup>. Julien Sorel (*Le Rouge et le Noir*) recusa interpor recurso no tribunal para anular a sentença de morte, proibindo M<sup>me</sup> de Rênal, antiga amante e indirecta causadora da sua prisão e execução, de tentar interceder junto do rei:

«- J'irai au roi, j'avouerai hautement que tu es mon amant: la vie d'un homme et d'un homme tel que Julien doit l'emporter sur toutes les considérations. Je dirai que c'est par jalousie qu tu as attenté à ma vie. Il y a de nombreux exemples de pauvres jeunes gens sauvés dans ce cas par l'humanité du jury, ou celle du roi...  
- Je cesse de te voir, je te fais fermer ma prison, s'écria Julien, et bien certainement le lendemain je me tue de désespoir, si tu ne me jures de ne faire aucune démarche qui nous donne tous les deux en spectacle au public. Cette idée d'aller à Paris n'est pas de toi. Dis-moi le nom de l'intrigante qui te l'a suggérée...»<sup>39</sup>

Embora, no caso de Carlos, a morte não advenha directamente de uma sentença exterior, o certo é que, e ainda antes de ele se deixar render pelo indiferentismo de que falávamos há pouco, ela surge como o único remédio para resolver o seu desespero: «Tratava-se de morrer. Não sabe o que é a verdadeira angústia de alma o que ainda não abençoou a morte que viu diante de si; o que a não invocou ainda como único remédio de seu mal, ou, o que é mais desesperado, como única saída de suas fatais perplexidades. (...) a morte parece um triunfo, um bem-aventurança por certo!»<sup>40</sup>.

Depois de passado o clímax, que coincide com o reconhecimento, a anagnórisis, Carlos escreve uma longa carta a Joáquina, onde se retrata,

<sup>37</sup> *Viagens na Minha Terra*, p.154.

<sup>38</sup> Cf. *Petit Dictionnaire du Dandy*, p.184: «Aussi, nombreux sont les dandys qui ont cherché à repousser l'éventualité d'une mort aveugle. Ils ont préféré la regarder en face et la choisir à l'heure qu'ils estimaient la bonne.»

<sup>39</sup> *Le Rouge et le Noir*, pp.505-506.

<sup>40</sup> *Viagens na Minha Terra*, pp.138-139.

desvendando alguns pontos obscuros e auto-analisando-se. Os termos que emprega para se definir revelam não só a angústia de sua condição, como anunciam prolepticamente a situação de barão: «sentia fugir-me a felicidade para sempre e que era eu que a afugentava, e que me ia encontrar só, desamparado e proscrito no deserto da vida.»<sup>41</sup>; «Oh! Eu sou um monstro. Um aleijão moral de veras, ou não sei o que sou. (...) Tenho espanto e horror de mim mesmo.»<sup>42</sup>.

A aceitação do baronato da parte de Carlos corresponde a uma desistência da vida e, até, a uma morte simbólica. Tornar-se barão é uma forma de exorcizar uma existência mal sucedida: «Engordou, enriqueceu e é barão!...»<sup>43</sup>. Vendeu-se, tal como Lucien:

«Au lieu de me tuer, j'ai vendu ma vie. Je ne m'appartiens plus, je suis plus que la créature d'un diplomate espagnol, je suis sa créature  
Je recommence une existence horrible. Peut-être aurait-il mieux valu me noyer.»<sup>44</sup>

A possível semelhança entre as duas personagens e outras, que fomos citando, não é evidentemente absoluta. Carlos não é um perfeito dândi, mas não podemos negar que enferma de algumas das suas características e que partilha já de um certo desengano que não se compadece com desenlaces trágicos ou apaixonados: Joanhina enlouquece e morre, como competia à tradicional heroína romântica, Georgina ingressa num convento, optando por outra solução, também ela de acordo com os cânones, Carlos nem morre nem professa, mas torna-se barão, adoptando um cinismo conveniente a um novo estatuto – o do indiferentismo e da superioridade conscientemente elaborada.

*Maria de Fátima Marinho*

---

<sup>41</sup> *Idem*, p.193.

<sup>42</sup> *Idem*, p.194.

<sup>43</sup> *Idem*, p.202.

<sup>44</sup> *Illusions Perdues*, p.613.